

## SÃO PAULO E NOSSA SENHORA

Artigo do Servo de Deus **Frank Duff**, fundador da Legião de Maria, divulgado na Revista oficial *Maria Legionis*, versão espanhola, 1972, nº 1, páginas 1 a 4.

Muitos não católicos tendem a colocar São Paulo acima dos demais apóstolos. Valorizam os textos da Escritura que citam o chamado que Nosso Senhor fez a São Paulo no caminho de Damasco e a missão que lhe deu de pregar aos Gentios – por volta do ano 45 dC – e não reparam no fato de que cada um dos apóstolos foi, por sua vez, chamado individualmente por Nosso Senhor. Imaginam que São Paulo foi posto em uma posição superior e com uma independência quase completa relativa a São Pedro e aos outros Apóstolos e que não recebeu ordens deles. Tal idéia é injustificada; a Escritura mesma a refuta. Pensemos que, quando Paulo foi a Jerusalém pela primeira vez como cristão, encontrou-se com o que os discípulos suspeitavam dele. Não sabiam por quem tomá-lo. Tratava-se de um milagre da graça ou era o que sempre havia sido? Não estaria o implacável perseguidor disfarçado com pele de ovelha?

S. Barnabé foi o primeiro em sair fiador dele. Não nos diz onde obteve informações, mas foi capaz de proporcionar detalhes convincentes sobre a conversão de São Paulo e sobre sua sinceridade e ardor. Com o que ficou encerrada a questão. São Paulo foi então recebido com os braços abertos e incorporado na lista dos Apóstolos; pouco tempo depois foi mandado com São Barnabé a sua primeira viagem missionária. Advertimos, portanto, que foi enviado por uma autoridade. Não partiu sem mais e por próprio capricho. Aos dois disseram onde teriam que ir – exatamente o mesmo como os outros Apóstolos. Mais, o encarregado de ser chefe de equipe foi Barnabé, não São Paulo.

Quando, mais tarde, regressaram a Jerusalém, por motivo da crise surgida em torno da circuncisão, não duvidaram em submeter sua norma de conduta ao critério dos demais Apóstolos. Limitaram-se a referir aos Anciãos da Igreja suas conquistas e a descrever como o Céu havia manifestado sua aprovação com abundantíssimas graças e com favores visíveis e milagres. Ficava assim claro que Deus não insistia em que a circuncisão fosse parte integrante do cristianismo; de outro modo, não haveria derramado a plenitude de sua graça nos incircuncisos.

No Concílio houve um grande debate, que acabou na decisão unânime de que a circuncisão não era necessária. Determinação tomada na forma a que Roma sempre se ateu então para casos similares; reza assim: “O Espírito Santo e nós decidimos...”

Advertimos novamente que a questão não foi solucionada nem por São Paulo nem por São Barnabé, mas pelo Concílio.

A segunda vez que o par foi enviado, quer dizer, na segunda viagem de São Paulo, observa-se uma diferença sutil: São Paulo passa a ser chefe de equipe. Mais, determina-se que sua missão especial seja para os Gentios. O Concílio, pois, exerce autoridade sobre São Paulo, que em seu nome cumpre e leva a cabo o mandato divino. Até aqui a questão sobre a independência do Apóstolo.

Outra coisa a que costumam referir-se os não católicos é o fato de que Paulo não falara da Santíssima Virgem em sua epístolas. Disso concluem que devia conhecê-la muito pouco e que provavelmente não lhe reconhecesse nenhum papel no cristianismo. Minha intenção no presente artigo é demonstrar precisamente o contrário, e que lhe impuseram tal limitação. Em primeiro lugar há que pensar na mentalidade daquela época, tão propensa a considerar como deuses a qualquer personalidade relevante. A São Paulo mesmo quiseram divinizar-lo. O paganismo em torno do Apóstolo, durante sua missão especial aos Gentios fervia de divindades. Era necessário preservar o cristianismo contra essa tendência a transformar as pessoas influentes em deuses; pois acabariam atribuindo a Maria e os Apóstolos as qualidades de Cristo mesmo. Urgia reservar a Nosso Senhor seu próprio lugar e dar-lhe o devido realce, deixando Maria na sombra. Conforme cresceu o cristianismo, impuseram-se suas verdades e o perigo diminuiu.

Profanou-se mesmo a frase em que São Paulo afirma que Jesus nasceu de mulher. O que o Apóstolo quis expressar foi que Jesus era verdadeiramente homem, filho de uma mãe humana. Pois

bem, os que tratam de diminuir Maria tentam por nos lábios de São Paulo a idéia de que ela foi uma mulher comum e nada mais. Eu quisera demonstrar que a frase de São Paulo não teve esse sentido desabonador e que o Apóstolo devia apreciar e estimar a Virgem e compreender seu significado, digamos que não menos que São Tomás de Aquino, São Bernardo, São Jerônimo e outros.

Também questionou-se as repetidas referências de São Paulo ao Novo Adão. Alguém pretendeu que, ao não mencionar a Nova Eva, o Apóstolo sugeria que esta não estava associada à missão de Jesus. Mas isto resulta absurdo. Essas referências de São Paulo deveriam incluir forçosamente tudo o que São Justino e São Irineu – discípulos e sucessores imediatos dos Apóstolos – ensinaram posteriormente sobre o Novo Adão e a Nova Eva. De São Justino consta que esteve associado a São Paulo. É certo que, muitas vezes, os discípulos superam os seus mestres e que nos assuntos humanos cada um pode adquirir e agregar conhecimentos apoiando-se nos achados e idéias de outros. Mas este não é caso da doutrina sobre o Novo Adão e Nova Eva, tão básica no mistério do Pecado e da Redenção. A Redenção foi planejada por Deus como preciso reverso da Queda. Maria é uma parte necessária da Redenção como Eva o é da Queda. Omitir Eva ou Maria traria consigo uma mudança radical, e por tanto, insustentável, no conceito cristão da Queda e da Redenção.

Pensemos um momento: se Eva não houvesse figurado como elemento na Queda, quer dizer, se a serpente houvesse causado diretamente a ruína de Adão, Eva seria inocente; não teria contribuído na Queda. Em tal caso, dar-se-ia uma anomalia em relação ao estado de seus filhos; nasceriam de um pai culpado e de uma mãe inocente de pecado real. A situação resultante seria peculiar, confusa e complicada. E se, por ser Adão cabeça do gênero humano, passasse seu pecado tanto a Eva como aos descendentes de ambos, também dar-se-ia para Eva uma situação anômala. Eva seria sua companheira; estaria livre de culpa e, no entanto, exigir-se-ia um preço mais alto que a ele pelo pecado que ela não cometeu: dar à luz seus filhos com dor e sofrer o castigo em todos os demais aspectos da existência humana: esforços, fadigas, enfermidades e lutas contínuas em uma vida natural e sobrenatural perturbada. Quanto mais refletimos sobre esta suposição, menos nos satisfaz. Em todo caso o fato não dá lugar a perplexidades, já que Eva não só cooperou no colapso, mas foi a que o iniciou; tanto é assim que parece evidente que sem ela não ocorreria. O relato bíblico evidencia que Eva foi uma causa específica da Queda; logo, naturalmente, expõe o outro fator já mencionado, concretamente: que a participação de Adão teve consequências dominantes em razão de sua qualidade de cabeça da humanidade. Os homens caíram em Adão, não em Eva.

Com este raciocínio a questão parece-nos mais simples e compreensível. Adão e Eva deviam estar sujeitos às consequências do Pecado. É certo que o gênero humano não caiu em Eva, mas também é verdade que ela ocasionou essa Queda e que sem sua incitação não ocorreria.

Assim é o relato da *Bíblia*. Dele tira-se que a doutrina do Novo Adão requer a presença da Nova Eva. Se São Paulo a exclui deliberadamente, deformaria esse paralelo divino que faz da Redenção o reverso exato da Queda. Sua doutrina não refletiria os desígnios de Deus, segundo os quais a Redenção devia ser rigorosa antítese da Queda.

Seria absurdo insinuar que São Paulo foi culpado de uma mutilação da idéia divina. Portanto, há que concluir que, quando São Paulo falava do Novo Adão, tinha presente toda a plenitude da doutrina. Nós, ainda que pobres criaturas, somos capazes de ver com clareza meridiana que a doutrina do Novo Adão requer a presença da Nova Eva de maneira peremptória. Seria, pois, ridículo pretender que estejamos vendo claramente algo que São Paulo não viu.

A doutrina do Novo Adão é exclusivamente paulina, quer dizer, não se encontra nos escritos de nenhum outro Apóstolo. Seria, portanto, incongruente assegurar que São Paulo, que foi seu autor e afirmava haver recebido aquela doutrina de Deus, não a entendeu propriamente e que só seus discípulos imediatos conseguiram captar sua plenitude.

Por isso – e ainda vou fazer outras considerações – **deve** aceitar-se que a doutrina de São Paulo incluía a Nova Eva, quer dizer, Maria, a Mãe de Deus, Corredentora.

A fórmula paulina compreende como em síntese o esquema da Reconciliação e a relação de Maria para tal. É uma Mariologia em si. E, apesar de ser tão simples, seu conteúdo é tal que o Capítulo VIII da Constituição dogmática sobre a Igreja não faz mais que apresentá-la elaborada: é a

semente convertida em árvore.

Estaria São Paulo um tanto ofuscado sobre Maria? Estimava-a pouco? Teria-lhe ojeriza? Naturalmente que não. São Paulo não estava isolado dos demais Apóstolos e Anciãos nem pessoal nem doutrinariamente. Reunia-se e comunicava-se com eles, trabalhou com vários, inclusive com São Pedro durante um par de anos, em Roma. Os Apóstolos eram uma unidade. Compartilhavam a doutrina cristã e comunicavam-se suas próprias inspirações. Uma respeitável autoridade protestante (*Dicionário Bíblico* do Dr. Smith) insiste em que as alegadas desavenças entre São Paulo e São Pedro não mostraram diferença alguma de doutrina.

De maneira muito particular São Paulo trabalhou com São Lucas. Este foi seu amigo mais íntimo e seu mais fiel companheiro. Esteve com São Paulo em dois cativeros: a primeira vez em Cesaréia da Judéia, de 58 até 60, quando escreveu o Evangelho do seu nome, e o segundo em Roma, durante dois anos, no correr dos quais escreveu os Atos dos Apóstolos (por volta de 63 dC), que desde o capítulo 13 até o fim, limita-se quase inteiramente a descrever os feitos de São Paulo. Evidentemente entre São Lucas e São Paulo houve uma contínua comunicação e discussão de idéias enquanto redigiam seus respectivos escritos. São Paulo concordaria com o pensamento de São Lucas, e vice versa. O valor deste aspecto – não examinado ainda de maneira exaustiva – é altamente revelador da atitude de São Paulo para com Nossa Senhora.

Alguns críticos duvidam que São Paulo tivesse visto a Virgem. No entanto, seu contemporâneo Dionísio, o Areopagita conheceu-a pessoalmente como ele mesmo declara. Pois bem, São Paulo deve ter tido as mesmas oportunidades que Dionísio, e resulta, portanto, difícil que a menosprezasse. Maria morreu provavelmente por volta do ano 57 dC.

Consideremos agora um pouco a vida de São Lucas. Nasceu em Antioquia da Síria – disse-se que era de ascendência itálica. Foi médico e ensinou medicina. Segundo a tradição, foi mesmo pintor de habilidade mais que mediana. Não era judeu de nascimento. Crê-se comumente que São Paulo o converteu; mas, segundo *A Vida dos Santos*, de Butler, muitos pensam que se fez cristão em Antioquia, imediatamente depois da Ascensão. O primeiro raio de história cai sobre São Lucas ao juntar-se com São Paulo em Trôade e viajar com ele a Macedônia. Acompanhou São Paulo até Filipos, onde ficou a trabalhar, segundo o demonstra a forma de usar o pronome “nós”. Na terceira expedição apostólica de Paulo (At 20, 5) Lucas acha-se de novo em sua companhia, depois de haver trabalhado em Filipos durante sete anos, e faz com ele a memorável viagem a Roma. Vai com Paulo no barco e permanece a seu lado durante seu primeiro encarceramento em Roma. Paulo escreveu sua Segunda Epístola a Timóteo durante sua segunda prisão em Roma, o que demonstra que Lucas acompanhou o Apóstolo em todas as suas tribulações até a morte.

Segundo São Epifânio, depois do martírio de São Paulo, Lucas recebeu o encargo de pregar o Evangelho em Dalmácia, Gália, Itália, Macedônia. Parece unânime a opinião de que em idade avançada foi crucificado em uma oliveira. Em 357 seus restos mortais foram trasladados por Constantino a Constantinopla e colocados na Igreja dos Apóstolos, junto com os corpos de Santo André e São Timóteo.

Foi opinião antiga que São Lucas escreveu seu Evangelho em Cesaréia sob a influência de São Paulo. Tal opinião apóia-se na autoridade de Irineu, Tertuliano, Orígenes, Eusébio e Jerônimo, os quais afirmam que, quando São Paulo diz “segundo meu Evangelho”, refere-se à obra de São Lucas. Por outra parte insiste-se que Lucas derivou seu conhecimento das coisas divinas não de Paulo só, mas também dos outros Apóstolos, com quem comunicava-se ativamente. Já os antigos viam influências de São Paulo no terceiro Evangelho; não obstante, a linguagem de seus quatro primeiros versículos opõe-se à idéia do exclusivo influxo do Apóstolo. São Lucas investigou a história da vida de Nosso Senhor e, com o material assim obtido, escreveu sob a guia do Espírito Santo. Naturalmente, o evangelista buscava informação por todos os lados, recorrendo também a São Paulo. A influência de um sobre o outro foi mútua em todos os seus escritos.

O Evangelho de São Lucas é o especialmente mariano. Tanto é assim que o protestante Adolfo Harnack, principal expoente da escola “racionalista e crítica” da *Bíblia*, pôde confirmar em 1900 que São Lucas constituía o verdadeiro fundamento da Mariolatria. Deste Evangelho aprendemos a Anunciação a Maria e todos os detalhes da infância de Jesus. Sem ele só nos

restariam os escritos apócrifos. Uma das fontes de São Lucas, foi, naturalmente, a Santíssima Virgem mesma. Dela adquiriu conhecimentos transcendentais que de outro modo não teria conseguido, já que Maria era a única sobrevivente em quem se encerravam. Devemos imaginá-la narrando-lhe aquelas coisas sublimes e incomparáveis. Lucas pergunta-lhe mais detalhadamente; pois, dado seu interesse, ninguém melhor do que ela poderia receber informações mais exatas dos fatos. Pensemos que nós mesmos ansiamos com veemência infinitamente mais do que nos oferecem os textos sagrados. São Lucas, como os outros evangelistas, obterá de Maria a mais completa explicação de todos os acontecimentos nos quais ela havia desempenhado um papel importante. Mais tarde os Apóstolos e Evangelistas conversariam sobre tudo aquilo e trocariam informações e impressões. Insisto em que os Apóstolos constituíam uma unidade e não uma série de elementos isolados e alheios a toda troca ou relacionamento intelectual.

Permita-se-nos pensar que Maria tinha um carinho especial por São Lucas, que possivelmente era a quem mais queria depois de São João. Prova disso seria o fato de que São Lucas foi seu retratista. Uma tradição universalmente difundida sustenta que, quando visitou Maria, já anciã em Jerusalém, pintou seu retrato. Supõe-se que aquele original já não existe. Os outros quadros feitos por ele poderiam não ser cópias fiéis do primeiro, mas só versões livres pintadas de memória. Sua vida de constante movimento não lhe permitiria levar consigo o quadro primitivo.

Uma inscrição muito antiga de Roma fala de um quadro da Santíssima Virgem ali descoberto, e diz que é um dos sete pintados por São Lucas. Teodoreto, que foi um historiador muito digno de confiança, inclui entre seus escritos o relato segundo o qual a imperatriz Eudoxa enviou a Pulquéria um quadro da Virgem pintado por São Lucas. Alguns daqueles quadros existem no entanto: o de Nossa Senhora das Neves, que foi colocado por S. Pio V em Santa Maria Maior em Roma; Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que está em Santo Afonso, também em Roma; Nossa Senhora de Vladimir, na Rússia; Nossa Senhora de Czestokowa, na Polônia. Destas imagens procede a idéia que nos fazemos das aparências da Virgem.

Todas estas pinturas são indiscutivelmente milagrosas, e a devoção nelas obteve favores surpreendentes. Haveriam sucedido esses milagres se as imagens não fossem efetivamente obras de São Lucas? Um milagre é para testemunhar a verdade e não para apoiar uma ficção. Se um número de retratos de Nossa Senhora são atribuídos a um pintor, se se constata que todas produziram milagres e se o pintor foi um evangelista a quem Maria demonstrou seu carinho, não garantirá tudo isso que São Lucas foi o seu autor?

Esta tradição foi impugnada; mas os super críticos atacam tudo. Pois, como diz São Jerônimo, apenas seco o Sangue de Cristo sobre a terra já atreviam-se alguns a afirmar que nem sequer havia sido real o seu Corpo.

Continuando com os quadros de São Lucas, volto a uma página do mais alto valor. No ano de 60 dC, Paulo e Lucas foram levados a Roma para serem ali julgados. Por causa de uma tempestade, naufragaram nas costas de Malta; mas não morreu ninguém. Os insulares distinguiram-se por sua hospitalidade para com os náufragos, e, em recompensa, os Santos fizeram vários milagres. A Paulo e a Lucas deu-se muita liberdade, e aproveitaram-na para pregar por toda a ilha ganhando a maior parte da povoação para o cristianismo. Entre os convertidos encontrava-se o centurião encarregado dos presos, a guarnição romana inteira, e Públio, o personagem principal da Ilha.

Durante sua estada de três meses os Santos – segundo a tradição – fundaram três igrejas: a catedral e uma em cada extremo da ilha. São Lucas – diz-se que por convite de São Paulo – pintou um quadro de Nossa Senhora para a catedral e outro para a igreja de Mellieha. O primeiro desapareceu durante a ocupação árabe, por volta do ano 900. o quadro de Mellieha, ainda que descolorido e desfigurado, subsiste no entanto e é venerado até o dia de hoje. A tradição de Malta insiste que São Lucas pintou estes quadros e que as três igrejas foram dedicadas a Nossa Senhora sob os respectivos títulos da Assunção, a Natividade de Nossa Senhora e a Maternidade de Maria. O que não deixa de lançar uma luz interessante sobre as origens da mais antiga devoção a Maria.

A título de fantasia, podemos aventurar-nos a imaginar um diálogo em plano amistoso entre os dois Santos, no que São Lucas buscava a opinião de São Paulo sobre o quadro que acabava de

fazer. São Paulo, por exemplo, diria-lhe: “De quem é esse quadro?” e Lucas lhe replicaria: “Mas, Saulo, ou Paulo, ou como te chames, tão mal a pintei? Ou é que tens perdido a fé?” Responderia São Paulo: “Perdoa-me, Lucas. Estava te elogiando. Pois tu sabes tão bem como eu que nenhuma mão terrena seria capaz de pintar a Mãe do Senhor. No entanto, como pintura, não está tão mal; o povo deste lugar apreciará e a venerarão todo o sempre”.

Agora voltemos ao tema da amizade e comunidade de interesses entre São Paulo e São Lucas. Se trocavam pensamentos e se influenciaram-se mutuamente, é certo que não só discutiriam os escritos de Lucas, mas também os de Paulo. Nenhum os concluiria sem lê-los ao outro ou sem comentar o que neles se dizia, e introduziriam modificações segundo o ditassem as sugestões mútuas.

Isto significa que ambos leriam uma ou outra vez o Evangelho de Lucas, e o discutiriam em seus menores detalhes. A linguagem de ambos é a repetição. Podemos, pois, imaginá-los nas mais variadas circunstâncias aproveitando qualquer momento de ócio para voltar a tratar sobre aqueles assuntos referentes ao Senhor e a sua Mãe. São Bernardo diz que, se a nós, de coração tão insensível e de pedra, impressiona-nos tudo isso depois de tantos séculos, muitíssimo mais devia impressionar então a um São Paulo ou a um São Lucas. Eram herdeiros imediatos da Redenção. Nenhum dos dois havia visto a Jesus em sua passagem pela terra. Mas ambos conheceram a Virgem e conversaram muito com ela. É lógico, portanto, que abrigariam no mais profundo de seu ser um amor imenso por Maria, só superado pelo que professavam a seu Filho. Assim, pois, quando lemos Lucas, lembremo-nos da possibilidade de penetrar nos pensamentos de Paulo. Acredito que isto é decisivo para conhecer sua mentalidade a respeito da Santíssima Virgem.

Longe de nós essa fábula sutilmente divulgada, de um São Paulo separado da fila dos Apóstolos, propagador de uma forma particular sua de cristianismo, desejoso de aproveitar qualquer circunstância para diferir do organismo principal e desentendido e estranho a tudo referente a Nossa Senhora. Estou convencido de que a entranhável amizade entre São Paulo e São Lucas é francamente incompatível com qualquer idéia de separação, de não-catolicidade, ou de imperfeição de São Paulo acerca de Maria.